

CRER PARA COMPREENDER

A interpretação da Escritura

Teologia Sistemática · Capítulo 12 · Parte 2: Revelação e Escritura

D. G. DE SOUZA

TS-S02-012

12.1

Por que Interpretar?

A Bíblia foi escrita para ser entendida. Mas como lemos bem um livro escrito há tantos séculos, em outras línguas e para outros povos, sem fazer com que ele diga o que nós queremos?

No capítulo anterior vimos quais livros fazem parte da Bíblia. Agora a pergunta é como lê-los. Esse assunto vem antes de todas as doutrinas que vamos estudar daqui para a frente, porque cada uma delas depende de um jeito de ler a Escritura.

Todo Leitor Interpreta

Muitos crentes dizem: "Eu não interpreto a Bíblia, só leio o que está escrito." A intenção é boa, porque eles querem respeitar a palavra de Deus e não acrescentar nada a ela. Mas todo leitor interpreta, desde a primeira linha. Quando Jesus diz "Eu sou a porta" (João 10:9), ninguém pensa numa porta de madeira com dobradiças. Entendemos na hora que é uma figura. Isso já é interpretar.

Um dia, um mestre da lei perguntou a Jesus o que devia fazer para herdar a vida eterna. Jesus respondeu com duas perguntas: "O que está escrito na Lei? Como tu a lês?" (Lucas 10:26). A primeira pergunta é sobre o texto. A segunda é sobre o leitor. As duas importam. A questão, então, nunca é se vamos interpretar a Bíblia, mas se vamos interpretá-la bem ou mal.

A Distância entre Nós e o Texto

A Bíblia foi escrita ao longo de uns mil e quinhentos anos, em hebraico, aramaico e grego, por pessoas que viviam em culturas bem diferentes da nossa. Os primeiros leitores de Amós eram pastores e agricultores de Israel. Os de Paulo viviam em cidades do Império Romano. Deus falou com eles na língua deles, com as imagens que eles conheciam, sobre os problemas que eles enfrentavam.

Isso não deixa a Bíblia distante de nós. Ela continua sendo palavra de Deus para hoje, como vimos no capítulo sobre a inspiração. Mas, para ouvir bem o que Deus nos diz, precisamos primeiro perguntar o que ele disse a eles. Quem pula essa etapa corre o risco de ouvir só a própria voz.

Hermenêutica e Exegese

Duas palavras aparecem sempre nesse assunto. **Hermenêutica** vem do verbo grego *hermēneuō*, que quer dizer "explicar" ou "traduzir". É o estudo das regras para interpretar bem um texto. **Exegese** vem de *exēgeomai*, que quer dizer "conduzir para fora" ou "narrar". João usa esse verbo quando diz que o Filho nos fez conhecer o Pai: "o unigênito Deus, que está no seio do Pai, ele o declarou" (João 1:18). Fazer exegese é tirar do texto o que está nele.

O contrário da exegese é a **eisegese**, que é pôr no texto o que já pensávamos antes de abri-lo. É o que acontece quando alguém já tomou uma decisão e vai à Bíblia só para achar um versículo que a apoie. A hermenêutica existe para nos proteger desse perigo.

A Própria Bíblia Ensina a Ler

A Bíblia não só pede para ser lida. Ela mostra como ler.

Depois da volta do exílio, o povo se reuniu em Jerusalém e Esdras leu a lei diante de todos. Os levitas ajudavam: "E leram no livro da lei de Deus o declarando, e explicando o sentido, para que pudessem entender o que era lido" (Neemias 8:8). Há três passos nesse versículo: ler, explicar o sentido e entender. O próprio Esdras "tinha decidido em seu coração buscar a lei do SENHOR, e a praticar; e ensinar a Israel seus estatutos e juízos" (Esdras 7:10). Repare na ordem: primeiro estudar, depois praticar, e só então ensinar.

No dia da ressurreição, Jesus caminhou com dois discípulos para Emaús. "E começando de Moisés, e por todos os profetas, lhes declarava em todas as Escrituras o que estava escrito sobre ele" (Lucas 24:27). Mais tarde, com os onze, "ele lhes abriu o entendimento, para que entendessem as Escrituras" (Lucas 24:45). Jesus abriu as Escrituras e abriu também a mente dos discípulos. Vamos voltar a essas duas aberturas neste capítulo.



Jesus, vestido de peregrino, caminha com os dois discípulos para Emaús. Pelo caminho, começando de Moisés e por todos os profetas, ele lhes explicou o que as Escrituras diziam a respeito dele.

Altobello Melone, *O caminho de Emaús*, c. 1516–1517, National Gallery, Londres (domínio público)

Os apóstolos também sabiam que a Bíblia pode ser mal lida. Pedro reconheceu que nas cartas de Paulo havia passagens difíceis:



Como também em todas as suas cartas, ele fala nelas destas coisas; entre as quais há algumas coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e os inconstantes distorcem, assim como também as outras Escrituras, para a própria perdição deles.

2 PEDRO 3:16

Distorcer a Escritura é coisa séria, porque leva à perdição. Por isso Paulo pediu a Timóteo que fosse "um trabalhador que não tem de que se envergonhar, que usa bem a palavra da verdade" (2 Timóteo 2:15). O verbo grego quer dizer "cortar em linha reta", como o lavrador que abre um sulco sem desviar para os lados.

12.2

Como a Igreja Leu a Bíblia

Os cristãos sempre leram a Bíblia, mas nem sempre do mesmo jeito. Olhar para essa história nos ajuda a ver os erros que já foram cometidos e os acertos que a Igreja aprendeu com eles.

Alexandria e Antioquia

Nos primeiros séculos, havia duas grandes escolas de interpretação. Em Alexandria, no Egito, mestres como Orígenes buscavam por trás das palavras um sentido espiritual escondido. Para eles, as histórias do Antigo Testamento eram figuras da vida da alma. A conquista de Canaã, por exemplo, podia representar a luta do cristão contra o pecado.

O mesmo Orígenes, quando jovem, cometeu o erro oposto. O historiador Eusébio conta que ele leu ao pé da letra as palavras de Jesus sobre os que "castraram a si mesmos por causa do Reino dos céus" (Mateus 19:12) e se mutilou. A história mostra que se pode errar dos dois lados: lendo como figura o que é história, ou lendo como literal o que é figura.



Orígenes de Alexandria, imaginado por um gravador do século 16. Ele buscou nas histórias do Antigo Testamento figuras da vida da alma, e a escola de Alexandria ficou marcada por esse modo de ler.

Gravador anônimo, *Orígenes*, em André Thevet, *Les vrais pourtraits et vies des hommes illustres*, Paris, Guillaume Chaudière, 1584 (domínio público)

Em Antioquia, na Síria, mestres como João Crisóstomo davam mais atenção à história e ao sentido simples do texto. Queriam saber o que o autor quis dizer aos seus primeiros leitores. Essa escola estava mais perto do caminho que a Igreja acabaria seguindo.

Os Quatro Sentidos

Na Idade Média, os intérpretes passaram a buscar quatro sentidos em cada texto: o literal, que conta o que aconteceu; o alegórico, que ensina o que crer; o moral, que ensina o que fazer; e o anagógico, que aponta para o céu. Jerusalém, por exemplo, podia ser ao mesmo tempo a cidade de Davi, a Igreja, a alma do crente e a cidade celestial.

O método produziu muita leitura piedosa, mas abriu a porta para todo tipo de invenção. Um exemplo famoso é a parábola do bom samaritano. Agostinho, um dos maiores teólogos da Igreja, explicou que o homem atacado é Adão, Jerusalém é a cidade celestial, os assaltantes são o diabo e seus anjos, o sacerdote e o levita são a Lei e os profetas, o samaritano é Cristo e a hospedaria é a Igreja. Tudo isso é verdade em algum lugar da Bíblia, mas não é o que Jesus estava ensinando. Ele mesmo disse qual era o ponto da parábola: "Vai, e faze da mesma maneira" (Lucas 10:37). A pergunta era quem é o meu próximo, e a resposta era agir com misericórdia.



O samaritano ergue o homem ferido à beira da estrada, enquanto ao fundo segue quem passou de largo. Jesus contou a parábola para responder quem é o meu próximo e terminou com uma ordem: vai, e faze da mesma maneira.

Jacopo Bassano, *O bom samaritano*, c. 1562–1563, National Gallery, Londres (domínio público)

Séculos depois, Calvino comentou outra leitura alegórica dessa mesma parábola e deixou uma regra que vale para todas:



"Não há dúvida de que essa interpretação, inventada pelos Pais, é estranha ao verdadeiro sentido do discurso do nosso Senhor. As alegorias não devem ir além do que a autoridade da Escritura sustenta, porque elas, por si mesmas, estão longe de oferecer fundamento suficiente para qualquer doutrina."

João Calvino, *Institutas*, II.5.19, tradução nossa

Os melhores teólogos da Idade Média já tinham visto o problema. Tomás de Aquino ensinou que todos os sentidos se apoiam no literal e que só do sentido literal se pode tirar argumento para provar uma doutrina.

A Reforma

Os reformadores deram o primeiro lugar ao sentido simples do texto. Martinho Lutero disse que a Escritura é intérprete de si mesma: o que é difícil numa passagem é esclarecido pelo que está claro em outra. Calvino escreveu que a principal tarefa de quem comenta a Bíblia é mostrar com clareza e brevidade o que o autor quis dizer. A história dessa mudança é contada no texto Reforma e estudo bíblico: fim da leitura alegórica.

As confissões protestantes guardaram esse princípio. A *Confissão de Westminster* (1647) diz que a regra infalível de interpretação da Escritura é a própria Escritura, e que o sentido de um texto é um só, e não muitos (I.9). Quando houver dúvida, ele deve ser buscado em outras passagens que falem com mais clareza.

crer para compreender

FIM DA AMOSTRA · FASCÍCULO TS-S02-012

Continue lendo como membro

Esta foi uma amostra de *A interpretação da Escritura*. O fascículo inteiro tem 38 páginas: o estudo completo, com as fontes, as gravuras e as perguntas para conversar em grupo.

Os membros do canal no nível **Estudo aprofundado** (R$ 11,99 por mês) recebem o fascículo de cada episódio, para ler e colecionar. A partir de R$ 3,99, os bastidores de cada episódio e o voto no próximo tema.

Seja membro do Crer Para Compreender